



Partiu Mendoza!



Entre **fevereiro e abril** acontece a **colheita de uvas** nas vinícolas situadas no Hemisfério Sul. **A região de Mendoza**, na Argentina, **concentra cerca de 900 produtores e 15 deles** foram listados pela **revista Forbes entre os 50 melhores** do mundo. O **Correio preparou um roteiro** destacando essas vinícolas. Páginas 2 e 3



Bodegas Trapiche



Terraza de Los Andes

O coração do enoturismo latino-americano

Correio apresenta roteiro pelas 15 vinícolas da região argentina eleitas entre as 50 melhores do mundo pela revista Forbes

AFFONSO NUNES

A época da colheita transforma os vinhedos de Mendoza em espetáculo de cores e aromas. Neste período, as regiões produtoras fervilham de atividade e a província argentina consolida sua posição como epicentro do enoturismo latino-americano. Recentemente, 15 vinícolas mendocinas conquistaram lugar no prestigioso ranking das 50 Melhores Vinícolas do Mundo da revista Forbes, superando produtores tradicionais do velho Mundo como França, Itália e Portugal. Mendoza concentra estrutura impressionante: cerca de 900 vinícolas, das quais 209 recebem visitantes, formando a maior rede de enoturismo do continente. Responsável por 70% da produção vinícola nacional e 91% das exportações argentinas, a província consolidou supremacia através de excelência consistente. O ranking Forbes, elaborado em parceria com especialistas da britânica Virgin Wines, utilizou critérios rigorosos: importância histórica, inovação, engajamento do consumidor, sustentabilidade e responsabilidade social - esses dois últimos com mais peso na elaboração do ranking.

O que torna Mendoza especial? A região beneficia de condições geográficas e climáticas singulares que definem seu terroir. Localizada aos pés da Cordilheira dos Andes, a província apresenta altitude que varia entre 600 e 3.111 metros, criando microclimas distintos que influenciam diretamente a qualidade e características dos vinhos. Os três ventos que moldam o clima — Polar, Zonda e Sudestada — regulam naturalmente a temperatura e umi-

dade dos vinhedos, prevenindo doenças e concentrando aromas nas uvas. O solo, formado por depósitos aluviais dos Andes, oferece drenagem excepcional e minerais que conferem complexidade aos vinhos. A baixa pluviosidade anual (cerca de 200mm) exigiu técnicas inovadoras de irrigação, desenvolvidas pioneiramente em Mendoza, que permitiram transformar terras áridas em vinhedos de excelência. Essa combinação única — altitude, vento, solo e clima seco —

criou um terroir que se tornou sinônimo de qualidade internacional, especialmente para a Malbec, casta símbolo do vinho argentino.

Nas principais regiões vinícolas de Mendoza — Maipú, Luján de Cuyo e Vale do Uco — encontram-se bodegas das mais variadas características, todas oferecendo experiências que entregam muito mais do que a simples degustação de seus respeitáveis rótulos. Confira, abaixo, o roteiro que o Correio preparou para você



Bodega Lagarde



Luigi Bosca

Bodega Trapiche (4ª)

Fundada em 1833, foi pioneira na exportação de vinhos argentinos. Oferece visitas ao museu com exposições sobre a história da vinícola, degustação de vinhos de edição limitada disponíveis apenas no local, jantares no Espacio Trapiche (restaurante premiado pelo Guia Michelin) e passeios pelos jardins com lavanda e oliveiras centenárias.

Bodega Lagarde (5ª)

Fundada em 1897, é administrada pelas irmãs Sofia e Lucila Pescarmona desde 1969. Proporciona jantares no Fogón Cocina de Viñedo com menus degustação de sete pratos e no Zonda Cocina de Paisajes, restaurante estrela Michelin com culinária argentina moderna inspirada na paisagem andina.

ENTREVISTA | SUSANNA LIRA

CINEASTA

‘A gente continua ainda sem saber onde as mãos do machismo estão’

RODRIGO FONSECA Especial para o Correio da Manhã

Enquanto falava com o Correio, a usina de fazer filmes (bons) Susanna Lira botava ordem numa agenda inflada de trabalho, parte pela demanda por testes de elenco para novas empreitadas, parte pelo ajuste final em projetos como “Apenas 3 Meninas”, que vai lançar em setembro. É uma nova ficção numa carreira majoritariamente documental, que mostrou êxito fora dos registros do real com o recente “#SalveRosa”, premiado no Festival do Rio de 2025 e lançado faz pouco na Netflix.

A trajetória cada vez mais híbrida da cineasta carioca mudou de patamar, assegurando-lhe prestígio autoral de excelência, depois do .doc “Torre das Donzelas” (2018), um furacão em festivais, com prêmios a cada pouso. Nesta quinta-feira (19), às 21h, esta produção encontrará uma das vitrines mais democráticas do país quando se pensa em acesso e quando se fala em esmero curatorial de inclusão: a grade da TV Brasil. Semana a semana, a EBC, a empresa de comunicação por trás da emissora educativa, faz da televisão aberta uma cinemateca de brasilidades, com titãs de nossa filmografia (Nelson Pereira dos Santos, Helena Ignez, Walter Carvalho, Rogério Sganzerla), a quem Susanna agora se junta.

Seu maior sucesso traz relatos inéditos da ex-presidente Dilma Rousseff e de suas ex-companheiras de cela do Presídio Tiradentes, em São Paulo, durante a ditadura militar. Detidas entre o fim dos anos 1960 até 1972, quando a prisão foi desativada, as entrevistadas falam sobre as torturas a que foram submetidas, mas também sobre as amizades criadas. A realizadora pediu para que cada uma desenhasse a tal “torre das donzelas” como elas se lembravam. Durante a pesquisa, a equipe percebeu que cada uma tinha uma memória distinta do lugar, o que gera um panóptico riquíssimo de recordações sobre os anos de chumbo.

Na conversa a seguir, Susanna relembra do sucesso de “Torre das Donzelas”, em sua premiada estreia no Festival de Brasília, há exatos oito anos, e discute as formas sinistras de expressão que o machismo hoje busca para tentar calar a “incalável” determinação feminina pela liberdade.

Em 2018, o documentário “Torre das Donzelas”, que a TV Brasil exibiu nesta quinta, celebrou a coragem feminina num contexto de presas políticas. O que o longa revelou sobre uma fatia da História pouco conhecida e o quanto esse tal desconhecimento se deve ao machismo?

Susanna Lira - A importância da exibição do filme no Festival de Brasília de 2018 foi muito simbólica para a gente, porque foi o ano da eleição do Bolsonaro e a gente tinha acabado de ver a Dilma Rousseff sair defenestrada do governo de uma forma horrenda, de que ele, inclusive, participou muito. Então era como se o machismo tivesse sido premiado ali, naquele episódio. Isso foi muito duro. A gente estava celebrando, num fil-

me, a história daquelas mulheres que resistiram, mas, ao mesmo tempo, a realidade nos dizia que eles, aqueles homens conservadores, tinham voltado com toda a força. Isso era bem assustador. Logo depois, a gente foi para o Festival do Rio e para a Mostra de São Paulo e o filme foi ganhando outros contornos. Era tudo muito simbólico. Mas a gente continua ainda sem saber exatamente onde as mãos do machismo estão. Elas parecem estar dominando ainda esse planeta, porque as coisas só pioram nos índices de feminicídio e da violência. Olhando para o “Torre das Donzelas” hoje, eu acho que ele celebra a coragem feminina, mas também nos faz uma alerta: para toda coragem das mulheres, há uma reação do machismo muito forte. Isso é ainda um desafio grande pra gente.



Divulgação

“Para toda coragem das mulheres, há uma reação do machismo muito forte. Isso é ainda um desafio grande pra gente”

SUSANNA LIRA

Quem era a Dilma naquele momento e o que ela passou a representar para você?

Era uma mulher importante, forte, que tinha acabado de sair do governo de uma maneira horren-

da. Depois da entrevista, eu vi nela uma mulher muito humana, muito delicada, muito engraçada. Ela conseguia fazer humor com coisas que eu jamais imaginei que ela pudesse fazer. Quando eu fazia perguntas sobre alguma possível culpa

de alguém, por ela estar naquele lugar, jamais terceirizava responsabilidades. Isso é muito forte, e passei a pensar a vida assim: as coisas que me acontecem são responsabilidades de minha, também... e não só do outro. Dilma não se faz de vítima, eu acho isso muito incrível, isso eu aprendi muito.

Como o êxito do seu filme, a partir de Brasília, redefiniu seu cinema?

Eu acho que o Festival de Brasília me fez, pois me colocou um pouco mais no radar nacional. As pessoas não conheciam muito o meu trabalho antes do “Torre...” e eu acho que ganhei mais fôlego depois dele, para poder fazer um cinema político mais corajoso ainda, para trabalhar com as pautas de que eu gosto de trabalhar, ainda com mais vontade. Naquela época, mesmo perdendo uma eleição de maneira tão drástica, fazer aquele filme era reforçar a resistência que todos nós temos.

De 2018 até hoje, o que mudou no espaço que as mulheres ocupam na política nacional?

De 2018 para cá, eu acho que houve um aumento, sim, da ocupação das mulheres nos espaços de poder, na política brasileira, mas volta e meia elas recebem reações negativas. Não à toa, na semana passada, a Erika Hilton sofreu transfobia de um apresentador de televisão em rede nacional ao vivo. Para cada passo que a gente dá, parece que o machismo quer empurrar a gente uns dez passos atrás, então, é uma luta constante. O espaço mudou, mas o espaço ainda é muito duro de ser mantido e de ser respeitado, isso realmente é preocupante ainda, e, por isso mesmo, a gente tem que eleger mais mulheres para que essas coisas mudem, para que as políticas públicas mudem. Isso é uma consciência de voto, eu não consigo entender mulheres que votam em políticos misóginos e políticos machistas. Isso é um grande enigma.

Quais são seus projetos para os próximos meses?

Será um ano de muitos lançamentos, entre eles um filme sobre Gonzaguinha, que estou fazendo há bastante tempo e traz um viés político, abordando a censura que ele sofreu nas letras dele. Depois, vamos lançar o documentário “Mr. Wonderful”, sobre um estilista (Luiz de Freitas) da mesma cidade do Garrincha, Pau Grande, que teve uma marca no Rio de Janeiro. Estou finalizando para outubro a série sobre a cantora Marília Mendonça e tem “Apenas 3 Meninas” em setembro.

Um Oscar após o outro

Coroado com sua terceira estatueta, no domingo, pelo sucesso de Paul Thomas Anderson, Sean Penn atrai novos olhares para seus cults, hoje em streaming, e dirige documentário

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Depois de ganhar seu terceiro Oscar, no domingo, pelo desempenho acachapante no papel do coronel Steven J. Lockjaw, em “Uma Batalha Após A Outra”, Sean Penn vê seu peso no mercado audiovisual disparar. Antes dele, na ala dos atores a serviço dos EUA, só Jack Nicholson, Walter Brennan e Daniel Day-Lewis venceram uma trinca de estatuetas. Venceu sem favoritismos, no momento em que prepara um novo filme no posto de realizador: um documentário sobre o jornalista saudita Jamal Khashoggi, assassinado em 2018. Sua fita mais recente como diretor, o documentário “Superpower”, .doc sobre a Guerra da Ucrânia, permanece inédito em circuito por aqui.

Porém, uma de suas últimas incursões ao exercício da direção, o drama “Flag Day – Lembranças Perdidas”, indicado à Palma de Ouro de 2021, acaba de ser lançado aqui, via YouTube, onde está disponível para compra ou aluguel. Sua protagonista, Dylan Penn, é filha do ator, e vive Jennifer, jovem problemática que entra numa jornada errática pelos EUA trombando com seu pai trambiqueiro, vivido pelo próprio Sean. A vida dura da menina não atenua seu amor pela figura paterna, que sempre a tratou como seu xodó, protegendo-a, dentro do possível.

“Eu tento apoiar pessoas que estão apoiando a liberdade”, disse Penn na Berlinale de 2023, ao lançar “Superpower”, sobre a violência cometida por Vladimir Putin na Guerra da Ucrânia, valorizando a estratégia do líder político Volodymyr Zelenskyy no conflito.

Codirigido por Aaron Kaufman, este ensaio sobre a violência institucionalizada foi recebido com controvérsia pela crítica pelo modo como Penn se debruça sobre a cultura da brutalidade na mídia. “Este não é um filme parcial pois fala de uma guerra que não é ambígua”, disse Penn na coletiva de Berlim.

Hoje na HBO Max “Uma Batalha Após A Outra” se impõe como mais um sucesso da carreira do astro, iniciada em 1979 e coroada com o Oscar de Melhor Ator antes por “Milk – A Voz da Igualdade”, em 2009, e por “Sobre Meninos e Lobos”, em 2004. Muitas vezes festivos como o de Cannes estenderam tapete vermelho para a presença de Penn, como se viu na Croisette



Sean Penn durante a coletiva de imprensa de ‘Superpower’ no Festival de Berlim



Cena de ‘Superpower’, documentário dirigido por Penn e Aaron Kaufman



Dylan Penn, a filha do astro, em ‘Flag Day’



HBO Max
exibe
‘Daddio’,
com o título
de ‘Papai’,
trazendo
um Sean
Penn taxista

em 2010, com a estreia mundial de “Jogo do Poder”, de Doug Liman, na disputa pela Palma de Ouro. É a saga de um político que descobre a ligação de sua companheira (Naomi Watts) com esquemas de espionagem da CIA. É possível vê-lo hoje na Amazon Prime, streaming que acolhe uma série de produções estreladas pelo artista, como “Caça aos Gângsters” (2013) e “A Grande Ilusão” (2006).

Lá é possível (re)ver alguns dos melhores momentos de Penn à frente das telas, como “Colors – As Co-

res da Violência” (1988), de Dennis Hopper, e “Tiro de Misericórdia” (1990), de Phil Joanou. A Amazon acolhe ainda alguns filmes que Penn dirigiu, como “Acerto Final” (1995), que valeu uma indicação de Melhor Atriz Coadjuvante pra Anjelica Huston. Já a Netflix resguarda a pérola “Na Natureza Selvagem”, seu maior sucesso, consagrado pela trilha sonora de Eddie Vedder; e “The Last Face - A Última Fronteira”, indicado à Palma em 2016. Este fala da relação entre cirurgiões ligados aos Médicos Sem Fronteiras,

vividos por Charlize Theron (ex-namorada de Penn) e Javier Bardem.

“Quería falar sobre as contradições de quem se dedica a salvar vidas. Fui atrás da realidade nas zonas de guerra da África, filmando com uma multidão de pessoas como figurantes para retratar aquilo que a gente viu em campo: uma multidão de gente com problemas diante dos horrores da violência”, disse Penn ao CORREIO DA MANHÃ ao fim da exibição de “A última fronteira” em Cannes. “Filmamos na Cidade do Cabo buscando eliminar qual-

quer traço épico dos médicos: são pessoas normais, sujeitas a falhas, a dúvidas, a paixões, correndo riscos”.

Recentemente, Penn mobilizou espaços mais autorais de exibição, incluindo o Festival do Rio, com “Daddio”, lançado pela HBO Max como “Papai”. Cada saliva gasta pela passageira Girlie (Dakota Johnson), na narrativa ambientada quase 100% no interior de um táxi, umedece (e esquent) o calejado coração do chofer de praça Clark, um dos papéis mais ternos de Penn em décadas. Sob a direção de Christy Hall, esse par de estrelas tem uma performance a dois que cativa pela habilidade de dar dor a palavras simples. Na trama, Girlie chega ao aeroporto após uma viagem e se entrega ao celular, numa troca de mensagens a princípio cálidas e, mais tarde, abusivas, ao longo de uma jornada até o bairro Hell’s Kitchen, numa Manhattan congestionada. Clark sabe ouvir. O tempo gasto ao volante talhou seus tímpanos para escutas nas quais tem sempre um conselho na manga para ofertar. Só que num dado ponto da corrida, as angústias de Girlie são similares a muitas das que ele tem em relação ao vazio existencial que sente

Penn tem uma tendência autoral em denunciar silenciamentos e desamparos estatais, tendo participado de um movimento de mídia para ajudar o Haiti, em 2012. Mas foi na ficção que ele mais se destacou como diretor, embora seus filmes – personalíssimos – encontrem pouco ou zero ressonância no cinemão. A jornalista brasileira Bianca Kleinpaul cunhou, em 2007, uma expressão perfeita para definir Penn aos olhos da indústria cinematográfica: “o odiadinho de Hollywood”. Grandes realizadores evitam elenca-lo, cientes de que sua personalidade combativa por vezes cria uma série de rusgas. Ele e Woody Allen, por exemplo, terminaram “Poucas e Boas” (1999) sem se falar. Só Terrence Malick, entre os titãs na ativa, adora filmar com ele, tendo convidado o ator para “Além da Linha Vermelha” (Urso de Ouro de 1999) e “A Árvore da Vida” (Palma de Ouro de 2011). Destaca-se ainda o já citado Paul Thomas Anderson, que o incluiu numa singular participação em “Licorice Pizza”, antes de “Uma Batalha Após A Outra”.

Só é difícil encontrar em streaming o primeiro longa dirigido por Penn, “Unidos Pelo Sangue” (“The Indian Runner”, 1991), indicado ao Leopardo de Ouro de Locarno. É a saga de uma família em xeque, num embate entre os irmãos Joe e Frank Roberts, vividos por David Morse e Viggo Mortensen, com direito a Patricia Arquette, Valeria Golino, Dennis Hopper e (pasmem!) Charles Bronson no elenco. São surpresas que Penn nos reserva.

CORREIO CULTURAL



Conspiração Filmes

Alice Carvalho nas filmagens da cinebiografia de Marta

Começa a filmagem da biopic de Marta

As filmagens do longa-metragem “Marta”, cinebiografia inspirada na trajetória da jogadora Marta Vieira da Silva — única mulher a vencer seis vezes o prêmio Fifa de melhor do mundo —, começaram na Suécia. Alice Carvalho protagoniza o filme, dirigido por Andrucha Waddington, com roteiro de Elena Soárez e Thais Tavares. O longa acompanha a jornada da menina que nasceu

com uma vocação extraordinária para um esporte que praticamente não existia para mulheres no Brasil: o futebol. Entre preconceito, asma e falta de oportunidades, a jovem desafia barreiras para perseguir um sonho. A produção começa pelo norte europeu para recriar o impacto vivido por Marta ao chegar à Suécia para jogar no Umeå IK, clube onde se consolidou internacionalmente.

Tesouro digitalizado

O Ipeafro - Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros deu um importante passo na preservação da memória, legado e patrimônio afro-brasileiro ao digitalizar um extenso acervo histórico. Foram processadas 12 mil imagens, extraídas de 15 microfimes, além de centenas de minutos de conteúdo audiovisual, provenientes de 51 fitas mini-DV. Parte desse material é inédito e documenta a atuação de pessoas e organizações da sociedade brasileira nas últimas décadas, com ênfase na luta antirracista e na valorização da cultura negra.

Parceria

O Museu do Jardim Botânico recebe nesta sexta-feira (20) a edição carioca do programa (re)Conexões, iniciativa do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram) realizada em parceria com a Secretaria de Cultura do Estado do Rio de Janeiro, e o Museu do Jardim Botânico.

Parceria II

A atividade integra a agenda nacional do programa, que percorre todos os estados promovendo espaços de escuta e construção coletiva com profissionais de museus, pontos de memória, coletivos culturais, estudantes, agentes públicos e demais interessados. Grátis.

No topo das paradas

O novo álbum de Harry Styles, “Kiss all the Time”, atingiu a mais forte estreia global de sua carreira, com mais de 1 milhão de unidades vendidas até o momento, dominando as paradas ao redor do mundo e consolidando a posição do astro estadunidense como um dos artistas mais influentes da música. O álbum entrou em #1 em 20 países.



Divulgação



Divulgação

Bailarino belga Antoni Androulakis ministra workshop no Rio, apresentando seu método

Corpo em fluxo

Bailarino belga Antoni Androulakis traz ao Rio método que dissolve fronteiras entre dança e vida

Prossegue nesta quarta e quinta-feiras (18 e 19), no Espaço Tápias, o workshop ministrado pelo bailarino, pedagogo e criador belga Antoni Androulakis num evento de imersão no método Fluxness — ou Flow Work —, abordagem autoral que ele ministra em centros de dança da Europa e que chega agora ao Brasil pela primeira vez. O workshop integra a vocação do espaço carioca de funcionar como polo de intercâmbio entre a cena contemporânea brasileira e criadores internacionais, reunindo residências, vivências e formação para profissionais da dança.

Radicado em Bruxelas, Androulakis se formou no Conservatório de Antuérpia e aprofundou seus estudos na La Manufacture, escola superior de artes cênicas da Suíça francófona. Ao longo da carreira, colaborou com nomes centrais da dança contemporânea europeia — Alexander Vantournhout, Lisbeth Gruwez, Rakesh Suresh, Eric Minh Cuong Castaing e Adam Benjamin —, além de atuar como assistente de coreo-

“Não faço distinção entre a maneira como lido com o movimento e como lido com a minha vida diária. Meu ensino é, portanto, uma síntese de coisas que pratico ativamente: consciência, desafio e ludicidade”

ANTONI ANDROULAKIS

grafia das companhias Cocoon e Keeping. Essa trajetória plural, que transita entre dança e circo con-

temporâneo, alimenta diretamente a pedagogia que ele traz ao Rio.

O Fluxness parte do trabalho de chão e da acrodança para explorar camadas sensoriais do movimento, propondo uma investigação sobre a relação do corpo com a gravidade — como ponto de contato, como gerador de movimento e como campo de negociação entre esforço e leveza. “Não faço distinção entre a maneira como lido com o movimento e como lido com a minha vida diária. Meu ensino é, portanto, uma síntese de coisas que pratico ativamente: consciência, desafio e ludicidade”, diz o artista. A improvisação é o eixo central da prática: não como ausência de estrutura, mas como estratégia para que cada participante integre o método à sua própria linguagem corporal.

O Espaço Tápias, que abriga o Grupo Tápias como companhia associada e realiza o festival Dança em Trânsito, tem como foco declarado o intercâmbio entre culturas, linguagens e técnicas coreográficas. A chegada de Androulakis ao espaço se insere nessa lógica: trazer para o contexto brasileiro um olhar formado na confluência entre a tradição do circo físico belga e as correntes mais investigativas da dança contemporânea europeia. O workshop ocorre na Sala Maria Thereza Tápias, com três horas diárias de trabalho ao longo de três dias consecutivos.

SERVIÇO WORKSHOP INTERNACIONAL FLUXNESS COM ANTONI ANDROULAKIS

Sala Maria Thereza Tápias — Espaço Tápias (Av. Armando Lombardi, 175, 2º andar — Barra da Tijuca) De 17 a 19/3 Investimento: R\$ 400 Inscrições: (21) 97279-9684

Ritmos nordestinos tipo exportação

Flávia Bittencourt celebra mestres da canção da região, como Dominginhos e Zé Ramalho, no Blue Note Rio antes de nova turnê europeia

AFFONSO NUNES

Antes de embarcar para uma sequência de apresentações pela Europa a cantora, compositora e atriz Flávia Bittencourt faz escala no Rio para apresentar o show “De Dominginhos a Zé Ramalho” no Blue Note Rio nesta quarta-feira (18), às 22h30.

O espetáculo reúne, em formato intimista, dois universos

aparentemente distantes da música brasileira: o baião, o forró e o xote de Dominginhos e as sonoridades místicas e poéticas de Zé Ramalho. Em arranjos autorais, o show homenageia ainda outros nomes fundamentais da música popular brasileira, como Geraldo Azevedo, Luiz Melodia e Carlinhos Brown. Flávia se apresenta acompanhada por Daniel Silva no violoncelo, Rodrigo Ramalho na sanfona e Guizaão na percussão. O repertório inclui “Espumas ao Vento”, de Acioly Neto, “Feira de Mangaio”, de Sivuca e Glória Gadelha, e “Vazio”, composição da própria artista.

“Se não existisse Dominginhos, a música brasileira nordestina não teria se reinventado. Dominginhos me apadrinhou, e hoje eu vivo a música brasileira com muita influência do que ele produziu”, afirma a cantora.

Nascida em São Luís do Maranhão, Flávia carrega nas composições e nas escolhas de repertório as marcas de uma formação cultural enraizada no Nordeste, um traço marcante de sua discografia e das apresentações ao vivo ao longo de toda a sua trajetória.

Com cinco álbuns lançados, Flávia Bittencourt já se apresentou em mais de dez países em três



Flávia Bittencourt se considera uma discípula de Dominginhos

continentes e dividiu palco com nomes como Alcione, Luiz Melodia, Geraldo Azevedo, Dominginhos e Vanessa da Mata.

Sua formação é múltipla: além dos anos dedicados à música, frequentou cadeiras de teatro e expressão corporal na Unirio e cursou cinema no Susan Batson Studio, em Nova York, em 2017, acumulando participações em produções nacionais de cinema e teatro. O primeiro álbum, “Sentido”, rendeu pré-seleção ao Grammy Latino e ao Prêmio Tim de Música, e a faixa “Terra de Noel” integrou a trilha-sonora da novela “América”, da TV Globo.

A turnê europeia começa em Toulon (França) no dia 28; segue para Paris no dia 29; passa por Lisboa, no dia 12 de abril; percorre cidades do sul da Itália (Trani, Polignano a Mare, Matera e Taranto) entre os dias 16 e 19 de abril; chega a Barcelona (Espanha) no dia 23; e encerra em Roterdã (Holanda) no dia 26 de abril.

SERVIÇO
DE DOMINGINHOS A ZÉ RAMALHO - FLÁVIA BITTENCOURT
Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910 — Copacabana)
18/3, às 22h30

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

Divulgação

Improvisações

O guitarrista Bernardo Bosisio e o baterista peruano Jorge Pérez-Albela se apresentam juntos na quarta-feira (18), às 20h, no palco do Blue Note Rio, em Copacabana. Os músicos, que se conheceram na Berklee College Of Music - centro de excelência em formação musical localizado em Boston (EUA), propõem um show de improvisação que une jazz, ritmos brasileiros e peruanos — incluindo o cajón. A banda conta com Danilo Andrade nos teclados, Leonardo Reis na percussão e Bruno Aguilar no contrabaixo.

Divulgação

Novo álbum na praça

O violonista e arranjador Paulo Aragão lança o álbum “Choros Líricos e Sentimentais” nesta quarta e quinta-feira (18 e 19), às 20h, na Casa do Choro. Fundador do Quarteto Maogani de Violões, com o qual já ganhou os prêmios TIM, Caras, Rival BR e mais recentemente o 26º Prêmio da Música Brasileira, como melhor grupo instrumental. Aragão recebe no palco Proveta, Luciana Rabello, Mauricio Carrilho, Toninho Carrasqueira, Pedro Aragão, Jayme Vignoli, Aquiles Moraes, Marcus Thadeu e o Quarteto Maogani.

Divulgação

Repertório eclético

A cantora Dilma Oliveira se apresenta nesta quarta-feira (18) às 21h, no Beco das Garrafas. Com voz aveludada e interpretação de forte apelo emocional, a artista trabalha repertório que passa pela bossa nova, samba, Mpb, blues e jazz, trazendo influências do gospel. A artista já dividiu palco com Nelson Cavaquinho, Tereza Cristina e Almir Guineto, e se apresentou no Rio Scenarium e no Teatro João Caetano. Premiada, participou dos programas Máquina Da Fama, Canta Comigo e The Voice Brasil.

Thais Grechi/Divulgação



Os atores Uriel Dames (esq) e Reinaldo Dutra levaram suas vivências pessoais para a dramaturgia de Marcela Andrade em 'Visto'

Quando a autora e diretora Marcela Andrade começou a escrever “Visto”, ela não precisou ir longe para encontrar o material dramático que sustenta o espetáculo. Bastou revisitar sua própria trajetória como professora de teatro em diferentes municípios do Rio de Janeiro — e os registros de tudo aquilo que viu, sentiu e testemunhou ao longo desse percurso. O resultado está em cartaz no Espaço Cultural Municipal Sérgio Porto e coloca em cena uma questão que devesse ser consensual: a educação artística como direito e real oportunidade de vida para jovens de regiões periféricas.

A montagem parte de um exercício coletivo de memória. Marcela Andrade dividiu o processo criativo com os atores Reinaldo Dutra e Uriel Dames, ambos oriundos de São Gonçalo. Os relatos pessoais dos dois artistas — também professores em espaços periféricos de cultura e educação — foram cruciais para construir a trama, entregando veracidade à montagem.

A história acompanha Do-cinho, jovem de personalidade artística e sensível que, em meio a repressões familiares e sociais, encontra o apoio sutil de um experiente professor de teatro. O personagem desvia de uma performance hegemônica de masculinidade — e é exatamente esse desvio que o coloca em rota de colisão com o entorno. A trama não evita os temas espinhosos: homofobia, pertenci-

A arte como saída

‘Visto’ transforma vivências reais de professores e alunos periféricos em espetáculo poético sobre educação, identidade e resistência

mento, oportunidades de estudo e trabalho, juventude e crescimento pessoal são fios que se entrelaçam na narrativa.

“Para escrever a peça, dei foco em registros de censuras familiares que testemunhei, a maior parte relacionada a moralismos comportamentais e questões de gênero e de sexualidade”, conta Marcela Andrade. “Passei a refletir sobre limitações de percepção da arte como trabalho fundamental na constituição de sujeitos e cidadãos. Essas censuras impedem vivências e aumentam os ‘buracos’ estruturais de projetos culturais necessários à sociedade.”

Reinaldo Dutra, de 41 anos, carrega na memória uma dessas experiências de resistência que a

“Para escrever a peça, dei foco em registros de censuras familiares que testemunhei, a maior parte relacionada a moralismos comportamentais e questões de gênero e de sexualidade”

MARCELA ANDRADE

montagem evoca. Há cerca de dez anos, ele manteve um grupo de teatro na Lona Cultural Lidia Maria da Silva, no bairro Jardim Catarina, um dos mais populosos e violentos de São Gonçalo. O espaço estava em estado precário — goteiras no palco, falta de material de ilumina-

ção, estrutura deteriorada. Mas o grupo ocupou mesmo assim. “Em 2015, criei um coletivo teatral com meus ex-alunos no Jardim Catarina. Fizemos apresentações na Lona do bairro e oferecemos oficinas. O local estava bem precário, sujo, sem material de iluminação, com gotei-

ra no palco e por aí vai. Mas ocupamos e levamos o público. Foi uma experiência mesmo de teatro de guerrilha. Os comerciantes eram os apoiadores. A gente chegava, limpava, refazia as gambiarras seguras, apresentava e ocupava”, recorda o ator. E o sucateamento dos aparelhos culturais é uma constante em regiões como essa.

Nascido em São Gonçalo, Uriel viveu de perto tanto a violência quanto a possibilidade de transformação que a arte oferece. “Meu encontro com o teatro é puro refazimento. Através dele, pude ver as tantas possibilidades que guarda a vida para além das mazelas do lugar onde nasci. Vi o tráfico de perto, passei parte da minha vida na favela, fui aliciado quando tinha 10 anos, mesma época em que o teatro surgiu na minha vida”, conta o ator. “Hoje, com 26, fico feliz e excitado pelos caminhos que a vida com o teatro me apresenta e ainda vai me apresentar”, completa.

Após a temporada de estreia no Sérgio Porto, o projeto prevê sessões em escolas e espaços de cultura em São Gonçalo, levando o espetáculo de volta ao território que o inspirou.

SERVIÇO

VISTO

Espaço Cultural Municipal Sérgio Porto (Rua Visconde de Silva s/nº, ao lado do nº 292) | Até 29/3, sextas e sábados (19h) e domingos (18h) | Ingressos: R\$ 40 e R\$ 20 (meia)